

Autor:

Fernanda Pereira Mendes

fernandamendes73@gmail.com

Título:

A Divina Comédia e Petrus Alfonsi Hispanus O.P.: Outro Português Notável na Idade Média?

Resumo:

Este artigo aponta para a necessidade da reponderação da identidade de Pedro Hispano na *Divina Comédia*, identificado pela crítica literária com o papa português João XXI, que seria o único pontífice colocado por Dante no Paraíso. Nem o texto do poema nem os comentários coevos de Dante (séc. XIV) permitem tal identificação e, segundo recentes investigações realizadas por especialistas ibéricos, o Pedro Hispano referido por Dante, por ser autor dos «doze livrinhos» – alusão clara ao famoso manual de lógica *Tractatus* ou *Summulae Logicales* –, deve ser identificado com um membro da ordem dominicana. Com base na revisão desta bibliografia, e adoptando um ponto de vista interdisciplinar, propõe-se agora a possibilidade de identificar o autor da mencionada obra com o frade dominicano português *Petrus Alfonsi Hispanus*.

Palavras-chave:

Dante; Pedro Hispano; frade; dominicano; *Divina Comédia*; *Tractatus*; *Summulae Logicales*.

Abstract:

This article points out the need to re-think Pedro Hispano's identity in the *Divina Commedia*, identified by the literary critic with the Portuguese Pope John XXI, who would be the only pontiff placed by Dante in Paradise. Neither the text of the poem nor the contemporary comments of Dante (14th century) allow such identification and, according to recent research carried out by Iberian scholars, the Pedro Hispano referred by Dante, for being the author of the «doze livrinhos» - a clear reference to the famous manual of logic *Tractatus* or *Summulae Logicales* -, must be identified with a member of the Dominican order. Based on the review of this bibliography, and adopting an interdisciplinary point of view, we now propose the possibility of identifying the author of the aforementioned work with the Portuguese Dominican friar *Petrus Alfonsi Hispanus*.

Keywords:

Dante; Peter of Spain; friar; Dominican; *Divine Comedy*; *Tractatus*; *Summulae Logicales*.

Plano:

A *Divina Comédia* e a autoria dominicana

Os comentários à *Divina Comédia* e a autoria dominicana

Autoria papal vs. autoria dominicana

«Pedros Hispanos» dominicanos

O frade português Petrus Alfonsi Hispanus O.P.

Conclusão

Como citar este artigo:

Fernanda Pereira Mendes, «A *Divina Comédia* e Petrus Alfonsi Hispanus O.P.: Outro Português Notável na Idade Média?», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais* nº 4, 2019, pp. 31-48.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua4a2>

A DIVINA COMÉDIA E PETRUS ALFONSI HISPANUS O.P.: OUTRO PORTUGUÊS NOTÁVEL NA IDADE MÉDIA?

Fernanda Pereira Mendes
Doutoranda FLUP
SMELPS/IF/FCT-UP

Em vésperas das comemorações do septuagésimo centenário da *Divina Comédia* de Dante Alighieri, que terá lugar em 2021, dantistas do mundo inteiro preparam-se para homenagear este poeta-filósofo medieval com novas abordagens e perspectivas sobre sua obra magistral, sem dúvida um dos textos mais influentes da literatura mundial. Este parece ser um momento oportuno para revisitá-la a partir da emblemática presença de Pedro Hispano, identificado pela crítica moderna e contemporânea com o papa português João XXI (1276-1277) – nascido Pedro Julião, ao qual se acrescentou o locativo Hispano, que na Idade Média era aplicável a qualquer nativo da Península Ibérica.

Pedro Hispano é considerado pela crítica literária de Dante o único papa colocado pelo poeta no Paraíso, enquanto a grande maioria dos pontífices padece no Inferno.

Ugo da San Vittore è qui con elli
e Pietro Mangiadore e Pietro Spano,
lo qual giù luce in dodici libelli (Par., XII, 135-136).

Como é possível observar, a personagem ocupa lugar de destaque no céu de Dante por causa dos doze livros que inquestionavelmente remetem para o famoso manual de lógica medieval conhecido como *Tractatus* ou *Summulae Logicales*, escrito na primeira metade do século XIII, uma das obras mais influentes dos estudos universitários do final da Idade Média¹. No entanto, **antes do século XIX, a identificação de João XXI com este Pedro Hispano nunca foi unânime**. Pelo contrário, quanto mais se retrocede no tempo, maior a discrepância: tanto os críticos coevos de Dante como os testemunhos manuscritos mais antigos acerca desta obra designam o autor apenas pelo nome Pedro Hispano ou acrescentam a este nome a expressão «Ordine Predicatore» ou a abreviação O.P., em ambos os casos indicativas da sua pertinência à Ordem dos Pregadores (O.P.), mais conhecida como Ordem Dominicana, fundada por São Domingos em 1216.

¹ Sua fortuna «...durará mais de três séculos e alarga-se a toda a Europa, excepto Inglaterra. Até final do século XVI, será copiado centenas de vezes e serão impressas mais de 200 edições, em ambos os casos com comentários por importantes filósofos» (Meirinhos, 2005-2006, 2011).

Nas últimas décadas, investigadores ibéricos do campo da filosofia medieval trouxeram novamente à tona a existência desta tradição de autoria dominicana do *Tractatus*, demonstrando a insustentabilidade da atribuição a João XXI, o Pedro Hispano mais famoso da Idade Média. O objetivo aqui proposto é, a partir do exercício da interdisciplinaridade, trazer para o campo da crítica literária da *Divina Comédia* este importante debate; por outro lado, a partir de uma detalhada revisão da bibliografia supracitada, este escrito argumenta em favor da possibilidade de identificação do autor dos «doze livrinhos» com o frade dominicano português de nome *Petrus Alfonsi Hispanus*, como ponto de partida para futuras investigações em torno da identidade do autor do *Tractatus*.

A *Divina Comédia* e a autoria dominicana

Cabe, sem dúvida, à *Divina Comédia* o mérito de popularizar e eternizar a existência do *Tractatus*, bem como o de acrescentar fama internacional ao papa João XXI que, se não fosse identificado pela crítica literária moderna com Pedro Hispano dantiano, ficaria restrita aos estudos medievais. Prova disso é a constante remissão a Dante em diversos textos e artigos sobre o pontífice, em meios científicos ou voltados para o grande público, recorrente também em suas biografias. Além disso, tanto o poema como os seus comentários do século XIV possuem um inequívoco valor histórico para a investigação em torno da autoria desse destacado manual de lógica, já que estão entre os testemunhos mais antigos que dão notícia sobre a sua existência, como demonstraremos a seguir.

Uma interpretação minuciosa da menção a Pedro Hispano tende mais para a sua identificação com um dominicano, distanciando-a de João XXI. A personalidade em causa aparece num canto dedicado basicamente ao elogio a São Domingos (Par., XII), feito pelo franciscano Boaventura de Bagnoreggio, em cortesia ao elogio a São Francisco que havia sido feito por São Tomás de Aquino no canto anterior (Par., XI).

Em primeiro lugar, ambos os cantos são dedicados às ordens religiosas. Apesar disto, as almas aí presentes não são todas elas membros destas ordens. No canto XII (130-141), que é o centro desta análise, São Boaventura termina seu discurso dizendo estar acompanhado de Iluminato e Agostino, primeiros discípulos de São Francisco; de seguida, anuncia Hugo de São Vitor, Pedro Comestor e Pedro Hispano; depois, Natan profeta, Crisóstomo, Anselmo e Donato; Rábano Mauro e Joaquim de Fiore. No canto X (97-136) as almas anunciadas por São Tomás de Aquino também são de origens e séculos diversos: Alberto Magno, Francisco Graciano, Pedro Lombardo, o rei Salomão, Dionísio Aeropagita, Paulo Orósio, Boécio, Santo Isidoro, Beda, Ricardo de São Vitor e Sigério de Brabante. Estas almas estão dispostas em dois círculos concêntricos, sendo cada um deles composto por 12 personagens, como descrito anteriormente (Par., XIII). Embora seja difícil estabelecer um vínculo claro entre todas as personagens – além de que algumas delas foram dominicanos ou franciscanos – é possível, pelo menos,

estabelecer um vínculo entre as figuras da estrofe dedicada a Pedro Hispano, transcrita no princípio deste artigo. Os dois primeiros autores – Hugo de São Vitor e Pedro Comestor – viveram no século XII, mas suas obras foram amplamente estudadas e difundidas pela ordem dominicana – assim como o *Tractatus* de Pedro Hispano.

Além disso, tomando apenas o Paraíso por referência, é importante sublinhar que aí estão outros pontífices salvos, ao contrário do que parece quando se diz que João XXI é o único². Mas neste caso, são papas santificados e, portanto, apresentados como tal. São Pedro é quem anuncia os seus sucessores que o acompanham: Lino, Anacleto, Sixto, Pio, Calixto e Urbano (Par., XXVII, 40-45), todos eles dos primórdios da Igreja – séculos I ao III –, todos martirizados. Lamenta que o sangue deles tenha sido derramado em vão, já que a Igreja teria se voltado para o «ouro». Também se encontram neste grupo Agapito I – São Agapito (Par., VI, 16) e Gregório I – São Gregório (Par., XXVIII, 133-135).

Também fica claro, na análise da *Commedia*, que para Dante o estatuto de santo, por si só, não é mais relevante do que o de papa. Como é possível observar, além dos papas martirizados nos primórdios do cristianismo, apenas São Agapito e São Gregório se salvam. Por outro lado, Silvestre I (Inf., XIX, 115-117) mesmo sendo santo – São Silvestre – é condenado ao Inferno, embora a menção não seja explícita³. Finalmente, há casos em que Dante faz menções alusivas aos pontífices utilizando, por exemplo, o seu local de nascimento, como Clemente V – nascido na Gasconha – e João XXII – nascido em Cahors – (Par., XXVII, 61-63). Mas, mesmo nestes casos, o contexto sempre deixa clara a identidade papal de cada um deles. Apesar de serem mencionados numa estrofe do Paraíso, a voz de São Pedro condena-os ambos ao Inferno⁴.

Em síntese, o juízo do poeta dá prioridade à condição papal, do ponto de vista cronológico, o último papa digno de salvação é de finais do século VI – Gregório I⁵. Os outros papas nomeados por Dante são basicamente do século XIII, e a grande maioria condenados ao Inferno, estando apenas dois no Purgatório: Adriano V (Purg., XIX, 99) e Martinho IV (Purg., XXIV, 22)⁶. Embora estejam supostamente a caminho do Paraíso, isto não parece demonstrar um juízo mais favorável do poeta pelos mesmos ou qualquer intenção de salvá-los. Ao contrário, são descritos de modo vexatório.

² Cf. Hollander (2000-2007).

³ «Ahi, Costantin, di quanto mal fu matre, non la tua conversion, ma quella dote che da te prese il primo ricco padre!» (Inf., XIX, 115-117).

⁴ «Del sangue nostro Caorsini e Guaschi s'apparecchian di bere: o buon principio, a che vil fine convien che tu caschi!» (Par., XXVII, 58-60).

⁵ São eles: Inocêncio III – 02/1198 – 07/1216 (Par. XI, 92-93); Honório III – 07/1216 – 03/1227 (Par. XI, 98-99); Clemente IV – 02/1265 – 11/1268 (Purg. III, 125); Adriano V – 07/1276 – 08/1276 (Purg. XIX, 99); Nicolau III – 11/1277 – 08/1280 (Inf. XIX, 73); Martinho IV – 02/1281 – 03/1285 (Purg. XXIV, 22); Celestino V – 07/1294 – 12/1294 (Inf. III, 59-60); Bonifácio VIII – 12/1294 – 10/1303 (Inf. XIX, 73); Clemente V – 06/1305 – 04/1314 (Inf. XIX, 83); João XXII – 08/1316 – 12/1334 (Par. XXVII, 58-63). Existem, ainda, menções a “papas”, de modo genérico, em passagens do Inferno.

⁶ Hollander (2000-2007) observa, ainda, a falta de um juízo de valor claro nas menções a Clemente IV, no Purgatório, e a Inocêncio III e Honório III, no Paraíso.

Além dos poucos casos ressalvados, todos os papas ao longo do poema são chamados pela designação papal. Portanto, caso o Pedro Hispano do Paraíso de Dante fosse um papa, seria um caso raríssimo de designação de um pontífice por um nome secular. E nem sequer o contexto do verso, estrofe ou canto no qual a personagem está inserida faz alusão a quaisquer informações que pudessem identificá-lo com João XXI, recurso utilizado pelo poeta para identificar Clemente V (da Gasconha) e João XXII (de Cahors), como mencionamos anteriormente.

Os comentários à *Divina Comédia* e a autoria dominicana

Tampouco os comentários à *Divina Comédia* contemporâneos a Dante (séc. XIV) sustentam a tese da autoria papal. Segundo informações do *Dartmouth Dante's Project*⁷ – base de dados com 77 comentários à *Commedia* até o século XXI, escritos em latim, italiano e inglês –, são oito os comentários do século XIV que mencionam Pedro Hispano e nenhum deles o identifica com João XXI. Apenas um – escrito por Benvenuto da Imola (1375) – afirma que era um frade dominicano:

[H]ic fuit frater praedicator qui fecit tractatus in logica, qui distincti sunt in duodecim libellis intra partem maiorem et minorem; quod opusculum fuit utile novellis introducendis ad logicam et arts.

Embora não seja cientificamente rigoroso atribuir valor à multiplicidade de comentários por si mesma – uma vez que os mais recentes tendem a reproduzir os mais antigos – é preciso notar que nenhum deles identificou Pedro Hispano com João XXI, e em pelo menos quatro deles diferenças descritivas podem indicar alguma independência relativamente aos anteriores. **O primeiro comentário elencado pelo Dartmouth Dante's Project é o de Jacopo della Lana (1324-28) seguido de Ottimo (1333), que afirmam que Pedro Hispano foi escritor de um tratado de lógica e escritos em filosofia e teologia;** Pietro Alighieri (1340-42) e Chiose Cassinese, que repetem o texto da *Commedia*; Chiose ambrosiane (1355): «Pietro Ispano – Qui composuit tractatus loyce et alios libros in gramatica». Na sequência, está o já citado **Benvenuto da Imola (1375)**, que identifica Pedro Hispano com um frade dominicano; em seguida, estão o Chiose Vernon (1390), que também parafraseia o texto da *Commedia*, e Francesco da Buti (1385-95), que demonstra maior conhecimento e mais detalhado: «questo fu maestro Pietro di Spagna che fece li trattati della Loica che incominciano, Dialectica est ars ec., et anco altre opere ne la santa Teologia».

Cabe observar que a ausência de identificação de Pedro Hispano com um frade dominicano na maioria destes comentários, por si mesma, não exclui a pertença do autor dos «doze livrinhos» à Ordem dos Pregadores. Pelo contrário, o fato de que nenhum deles faça qualquer menção ao pontificado – uma posição única e de destaque

⁷ *Dartmouth Dante Project*.

internacional – leva a crer que não se tratava do papa João XXI, se se leva em consideração que, sem dúvida, os comentaristas de Dante eram homens cultos e bem informados sobre os acontecimentos de seu tempo. Portanto, pelo seu caráter qualitativo e quantitativo e, ainda, por sua antiguidade, os comentários lançam dúvidas razoáveis sobre a autoria papal do *Tractatus*, obrigando a levar em consideração os testemunhos mais antigos que a própria *Divina Comédia* que, segundo se estima, foi concluída no ano da morte de Dante, em 1321.

Entre os séculos XV e XVI foram listados pelo Dartmouth Dante's Project – onde se podem encontrar as informações que seguidamente adiantamos – apenas quatro comentários, que nada de novo acrescentaram em relação aos seus antecessores. Os cinco comentários seguintes datam da primeira metade do século XIX e usam as palavras «lógica» e «escolástica» para referir-se às obras de Pedro Hispano. Será apenas na segunda metade desse século que a crítica da *Divina Comédia* começa a identificar a personagem com João XXI, rompendo com a sua própria tradição e se utilizando de outras fontes.

Luigi Benassuti (1864) será o primeiro a fazê-lo; na sequência cronológica, Henry Wadsworth Longfellow (1867) inaugura a lista dos comentários em inglês, incluindo uma breve descrição biográfica da figura em causa: «Peter of Spain was the son of a physician of Lisbon, and was the author of a work on Logic. He was Bishop of Braga, afterwards Cardinal and Bishop of Tusculum, and in 1276 became Pope, under the title of John XXI».

Hermann Oelsner (1899), acrescenta a esta informação detalhes sobre a obra de lógica, que passarão a ser reproduzidos na maioria dos comentários escritos ao longo do século XX, somados ao resumo biográfico supracitado: «[...] was the author of a little cram book of logic, which retained its popularity deep into the Renaissance Period. It is from it that the well-known Memoria Technica verses, Barbara Celarent, etc., are derived; though whether he invented them or not is a matter of dispute».

Finalmente, em 1904, John S. Carroll dá o toque final à tradição de identificação que sobrevive até hoje, adicionando que «Peter of Spain has the distinction of being the only Pope, with the exception of 'the first Peter' himself, whom Dante sets in Paradise».

Ressalve-se o trabalho de G. A. Scartazzini (1872-1900), que afirma: «nessuno degli antichi commentatori ne sa di più, nessuno aggiunge che questo Pietro fu papa. L. Noack (Phil. gesch. Lex, p. 664) ricorda la tradizione dei Domenicani, secondo la quale Pietro Ispano visse, morì e fu sepolto nel Convento Stella in Navarra».

Autoria papal vs. autoria dominicana

Esta ruptura da crítica literária da *Divina Comédia* com sua própria tradição a partir do século XIX, transformando o autor dantiano dos «doze livrinhos» em João XXI, é um reflexo tardio de um movimento que já vinha acontecendo nos campos da filosofia e da historiografia. Desde o século XVI, uma série de obras atribuídas a algum Pedro Hispano indeterminado foram sendo creditadas ao papa – o mais famoso entre eles e o que, por

outro lado, conferia prestígio a essas obras, num momento em que as mesmas começaram a ser impressas. Além do *Tractatus*, foram atribuídos a João XXI mais de 50 títulos, mas «nem o seu conteúdo, nem o que conhecemos da vida do futuro papa, ou de alguns Pedros Hispanos do século XIII, justificam a atribuição dessas obras a um mesmo autor»⁸.

Embora ressalte a ausência de argumentos definitivos para refutar a autoria papal do *Tractatus*, este investigador salienta que só existem documentos credíveis sobre a biografia do pontífice a partir de 1250 e nenhum deles faz referência a alguma obra que tenha escrito. Toda a reconstrução biográfica anterior a este período é conjectural, ficando claro apenas que Pedro Julião – nome de nascimento do pontífice – teve uma intensa carreira eclesiástica⁹. Por outro lado, até o momento não há notícias de que algum investigador tenha identificado o verdadeiro autor do *Tractatus* entre os vários Pedros Hispanos dominicanos atuantes na primeira metade do século XIII.

Os testemunhos mais antigos (séc. XIII) – tanto manuscritos da obra como comentários – atribuem a autoria do *Tractatus* a um «Magister Petrus Hispanus» e vários, entre eles, acrescentam a esta atribuição a expressão «Ordine Predicatori» ou a abreviatura O.P., atestando a pertença do seu autor à Ordem dos Pregadores. Apesar disso, o fato de a maioria dos testemunhos ser omissos quanto ao vínculo do autor com esta ordem levou os defensores da autoria papal a considerar que se tratava de um *magister* secular, ou seja, sem qualquer vínculo monástico, o que melhor se coadunava com o perfil de João XXI¹⁰. Mas, conforme o dito anteriormente, segundo Meirinhos, só se pode afirmar sobre o papa que teve uma intensa carreira eclesiástica: além de não existirem documentos que comprovem que escreveu alguma obra, tampouco há provas de que tenha exercido o magistério. Por outro lado, esses mesmos autores afirmaram que, por orientação da própria ordem dominicana, todos os seus membros que desempenhavam a docência universitária eram chamados *frater* e não *magister* e, finalmente, que não existem informações de nenhum Pedro Hispano dominicano que houvesse sido professor universitário.

No entanto, como observou D'Ors, a Ordem Dominicana tomou do âmbito acadêmico as denominações próprias de seus cargos internos: «Magister Ordinis», «Magister studentium» e «Rector scholarum». «Pedro Hispano no parece que pueda ser identificado con ninguno de los Maestros Generales de la Orden, pero, ¿no pudo desempeñar algún otro cargo, por el que mereció este específico título?»¹¹. Segundo

⁸ Sobre a questão das várias personagens confundidas sob a identidade papal, ver Meirinhos (2005-2006, 2011).

⁹ Cf. Meirinhos (2002, p. 19, nota 51).

¹⁰ Cf. De Rijk (1972, p. XIX); Quetif-Echard (1719, p. 485).

¹¹ D'Ors (2001, pp. 254-255). Por outro lado, foi observado que Pedro Hispano poderia ter sido de fato um professor antes de seu ingresso na ordem, e inclusive ter escrito o *Tractatus* ou pelo menos parte dele neste período anterior a se tornar frade, cabendo aos dominicanos sua adoção e posterior difusão. D'Ors

este investigador, a primeira atribuição do *Tractatus* a João XXI só será feita em princípios do século XVI, na edição impressa da *Explanatio* de Iodocus Trutvetter¹². Assim, as atribuições ao papa nos testemunhos do século XIII e XIV – que sustentavam a autoria papal – haviam sido incluídas a posteriori, ou seja, não constavam do texto original. Cabe aqui observar que De Rijk¹³, um dos mais destacados defensores da autoria papal e responsável pela primeira edição crítica do *Tractatus*, mudou de opinião depois de ler este trabalho de D’Ors¹⁴.

(2001, p. 289) observa, ainda, que pelo menos um antigo testemunho histórico, de Felipe de Ferrara, afirmou que Pedro Hispano foi mestre antes de ingressar na Ordem dos Pregadores.

¹² *Explanatio in nonnulla Petri Burdegalensis, quem Hispanum dicunt, volumina, adeo brevis et commoda, una cum interrogationum ex iis elicibilium, et sophismatum Alberthi Saxonis expeditione, ad que cum primis valet Opus Maius Isenachense* (Incunabile, Vaticano IV, 644). A atribuição mencionada por D’Ors (2001, pp. 285-286, notas 114 e 115) tem o seguinte texto: «Sumule Petri Hispani. Petrus Hispanus, ut arbitrator natione portugallensis, ulixbonensis patria, extusculano episcopo tandem Summus Pontifex sub nomine Ioannis vicesimi primi creatus, vir in medicinis valde eruditus, atque in seculari philosophia egregie doctus, sed moribus stolidus, quod se semper victurum speravit et sibiipsi pollicebatur idque omnibus predicavit, verum tempore quodam dum in precioso thalamo luderet domus cadens inter saxa ipse obrutus interiit. His quippe pro eruditione iuvenum in logica Aristotelis dispendiose tradita in compendium quoddam redegit, cui ob id summule nomen accomodatum, quod ex collectione plurium parvorum tractatuum perinde, atque numerus multarum parvarum supputationum coacervatione resultet, has tractaturi maxime in his tractatibus qui in Erphurdiana academia legi atque disputari solent in operis exordio ad solitum morem cum plerisque aliis sequens nos tenet dubitatio».

¹³ D’Ors (2001, p. 291, nota 126): «Debo agradecer también al Profesor De Rijk su apoyo para la publicación de la versión inglesa de este trabajo en *Vivarium*, así como su autorización para hacer constar en mi trabajo su adhesión expresa a las tesis fundamentales que defiende».

¹⁴ Ver De Rijk (ed., 1972). Cabe aqui chamar a atenção para as ressalvas de Meirinhos (2009a, p. 498 e 2009b, p. 489) às observações de D’Ors que, por serem fundamentais para os fins deste artigo, reproduzimos a seguir. D’Ors (2001, p. 280): «... L. M. De Rijk, siguiendo a M. H. Laurent, ha señalado la Crónica de Ricobaldo de Ferrara, escrita probablemente en 1297, como el documento más antiguo que atribuye el *Tractatus* al Papa Juan XXI. Además, han considerado este documento como decisivo para la solución del problema de la identidad de Pedro Hispano. Laurent y De Rijk han atendido a la edición de la Crónica de Ricobaldo preparada por Muratori en 1726 ... En efecto, en esta edición de la Crónica de Ricobaldo se considera a Juan XXI autor del *Tractatus*. Sin embargo, sorprendentemente, el texto de la Crónica de Ricobaldo, tanto en los manuscritos como en las ediciones más antiguas, es radicalmente diverso ... Ignoro cuál puede ser el origen del texto editado por Muratori, que guarda estrecho parentesco con la crónica de Francisco Pipino, pero, a la vista de las versiones más antiguas de la Crónica de Ricobaldo, mientras no se encuentren otros manuscritos o ediciones más antiguas en los que se atribuya el *Tractatus* a Juan XXI, será vano cualquier intento de fundar la atribución del *Tractatus* a Juan XXI sobre el testimonio de Ricobaldo. Juan Tritemio (1462-1518) suele ser señalado entre los testimonios más antiguos de la atribución del *Tractatus* a Juan XXI, pero, como en el caso de Ricobaldo de Ferrara, en su versión original, no hace a Juan XXI autor del *Tractatus*; según ya señalaron Quétif y Echard, no fue Tritemio, sino uno de sus editores, el Colmariense, quien introdujo esa atribución. La comparación de las ediciones de 1494 y 1518 y la edición de 1546, es concluyente por sí sola...». Ver también D’Ors (2001, pp. 284-285) que exclui também o único manuscrito citado até então pelos defensores da autoria papal, que vinculava João XXI com o *Tractatus* «... a saber, el manuscrito H 64 inf. de la Biblioteca Ambrosiana de Milán, del siglo XIII, en el que se lee: “*qui et Johannes PP XXI ab aliquibus dictus est*” [...] que, por su antigüedad, podría tener un valor decisivo, sin embargo, pierde todo su valor cuando se advierte, primero, que el texto citado es un añadido introducido por una mano posterior, y segundo, el carácter poco definitivo de esa atribución: “*ab aliquibus dictus est*” ...».

«Pedros Hispanos» dominicanos

No início do século XIV que surge o primeiro testemunho, do qual se tem notícia, que identifica o autor do *Tractatus* de maneira mais específica: *Petrus Alfonsi Hispanus* O.P. –, portanto, cerca de cento e cinquenta anos antes do primeiro testemunho conhecido que atribui, de forma indubitável, a autoria da obra ao papa João XXI. Trata-se do catálogo de escritores dominicanos da Abadia de Stams¹⁵, provavelmente redigido em 1311. Mais tarde, esta mesma denominação seria repetida pelos catálogos da mesma natureza, os de Pignon¹⁶ e Saint Ann¹⁷.

Em seu último trabalho sobre esta matéria, D’Ors apresentou uma importante descoberta que reforçou a tese da autoria da obra por um frade dominicano chamado *Petrus Alfonsi Hispanus*: a primeira edição impressa do *Tractatus*, de 1474¹⁸:

Encontramos aquí el primer eco de esa antigua tradición dominicana, representada por los Catálogos de Stams, Pignon y Saint Ann, que atribuye el *Tractatus* a un “Petrus Alfonsi”, en el ámbito de una tradición literaria distinta, ligada inmediatamente a la historia del *Tractatus* mismo. Puesto que se trata, precisamente, de su primera edición impresa, que, sin duda, hubo de servirse de la tradición manuscrita anterior, y, además, a diferencia de lo que ocurre con aquella otra familia de ediciones que atribuyen el *Tractatus* al Papa Juan XXI, atribuye las *Summulae* a un “Petrus Alfonsi” que en ese momento parece ser ya una figura casi completamente desconocida (que no confiere a esta obra ningún prestigio añadido), esta edición confiere a esa antigua tradición dominicana un alto grado de fiabilidad (D’Ors, 2015, p. 41).

Para D’Ors, no entanto, este nome pouco contribui para identificar o verdadeiro autor. Por um lado, presumia a existência de vários *Pedros Alfonsi* dominicanos vivos no século XIII, por ser este um nome comum¹⁹. Ainda assim, para ele, esta atribuição não permitia excluir nenhum dos *Pedros Hispanos* vivos no século XIII – dominicanos ou não

¹⁵ «Frater Petrus Alfonsi, Hyspanus, scripsit summulas logicales». Cf. D’Ors (2001, p. 261); Cf. Denifle (1886, pp. 165-248) e Meerseman (1936, p. 66).

¹⁶ «Fr. Petrus Alfonsi, Hispanus, scripsit summulas logicae, quae communiter traduntur pueris». Cf. D’Ors (2001, p. 255); cf. Meerseman (1936, p. 31).

¹⁷ Cf. D’Ors (2015, p. 41) e cf. Auer (1933): «Frater Petrus Alfonsi Hyspanus. Scripsit summulas loycales».

¹⁸ D’Ors (2015, p. 40). Trata-se de uma edição holandesa, de Johannes de Westfalia Paderbonensis y Theodoricus Marti, Aalst, 26 de mayo de 1474, e uma edição posterior (Aalst, c. 1486), obra do mesmo Johannes de Westfalia Paderbonensis.

¹⁹ Em todo o caso, em suas pesquisas este investigador encontrou prova da existência de dois Pedros Alfonsi dominicanos e hispânicos, num obituário contido nas Atas do Capítulo Provincial da Ordem dos Pregadores, datadas de 1250. D’ors (2007, pp. 164-165).

–, dos quais dão notícia os testemunhos antigos²⁰, porque não se pode descartar que algum deles tivesse o *Alfonsi* como segundo nome, que poderia ter sido omitido por motivos fortuitos.

Aqui cabe observar que D’Ors estava convencido da origem navarra do autor do *Tractatus* e inicialmente fundamentava sua investigação na chamada «tradição estelesa», amparada em diferentes testemunhos dos séculos XV ao XVII, os quais afirmavam que Pedro Hispano O.P. esteve enterrado no Convento de São Domingo na cidade de Estella, em Navarra, tese que mais tarde abandonaria²¹. Para tanto, empreendeu uma ampla busca de documentos – vinculados ou não à tradição do *Tractatus* – que dessem notícia da existência de algum Pedro Hispano que se ajustasse a este perfil e elaborou uma lista de possíveis candidatos à autoria dessa obra, de forma «puramente hipotética y con el mero propósito de definir objetivos hacia los que dirigir futuras investigaciones»²².

A lista apresentada a seguir exclui os candidatos que foram sendo rejeitados pelo próprio autor ao longo de suas investigações. São eles: Pedro Ferrando (a quem se atribui a primeira *Legenda Sancti Dominici*, a *Legenda prima*; sua identificação com o autor do *Tractatus* é indireta, decorrente de um testemunho que afirma que as duas obras foram escritas por um mesmo autor, sem especificar o seu nome), *Petrus Hispanus conversus* (que teria participado da primitiva comunidade dominicana de Bolonha ou de Milão); *Magister Petrus* (que, em 1220, em Roma, assinou como testemunha um documento relacionado com as freiras do Convento de Santa Maria in Tempulo); um segundo *Magister Petrus* (ao qual se refere Gérard de Frachet, na sua *Vitae Fratrum*, e Bernardo Guy como «rector scholarum Burdegalis», em 1238); e Fray Pedro Español (mencionado por Thomas de Cantimpré e Quéatif-Echard, entre outros)²³. Em relação a este último, D’Ors admite a inexistência de mais informações além do seu nome, mas para ele essa razão não é suficiente para excluí-lo da lista.

Os outros quatro candidatos foram criticados por Tugwell²⁴. Para este autor, as escassíssimas informações contidas nos documentos que sustentam candidatura dos dois *Magister Petrus* não permitem saber nem se eram hispânicos (falta-lhes o locativo Hispanus), nem dominicanos. Para D’Ors, este motivo é débil e «mientras no se perfilen mejor estas figuras, o la figura del “auctor *Summularum*”, considero que es mejor no excluirlas de esa lista de figuras hacia las que orientar nuestra investigación»²⁵. Quanto a Pedro Ferrando e *Petrus Hispanus conversus*, o argumento central de Tugwell era o fato de que nenhum dos dois estava enterrado em Navarra, ou seja, não coincidiam com

²⁰ Cf. D’Ors (2007, pp. 142-151) e Pontes (1977, pp. 222-229).

²¹ D’Ors (2001, p. 144)

²² D’Ors (2007, p. 142).

²³ Cf. D’Ors (2001 e 2007, pp. 143-145).

²⁴ Cf. Tugwell, S. O.P. (1999, 2006 e 2007).

²⁵ D’Ors (2007, p. 144).

a «tradição estelesa» defendida por D’Ors, que já a vinha abandonando ao longo de suas investigações e, portanto, manteve os candidatos. Em relação a *Petrus Hispanus conversus* Tugwell insiste em que a palavra *conversus* teria de ser entendida como «laico» no contexto em que se encontra. Quanto a Pedro Ferrando, este autor tece argumentos demonstrativos de que a personagem não pode ser identificada com o autor o *Tractatus*.

As argumentações e contra-argumentações dessa frutífera polêmica – sobre as quais não nos iremos deter – tem o mérito haver esgotado a possibilidade de identificar os mencionados candidatos com o autor do *Tractatus*, pelo menos com base nos documentos conhecidos até hoje. Em síntese, embora tenha realizado contributos decisivos em favor da autoria dominicana da obra, com a descoberta de documentos e argumentos fundamentais, D’Ors não foi capaz de identificar um autor, como o próprio admite em seu último trabalho sobre a matéria. Para ele, só seria possível encontrar uma solução definitiva

[...] si se encuentran nuevos documentos, que, precisamente por la confusión de «Petrus Hispanus» con el Juan XXI, hubieran podido pasar inadvertidos. Creo, sin embargo, que será difícil encontrar esos nuevos documentos decisivos, necesarios para resolver tales problemas, si no se estimula la investigación y se orienta en la dirección adecuada; y para ello es preciso someter a análisis minuciosos los escasos documentos de que disponemos, con el propósito de deshacernos de posibles prejuicios que nos impiden buscar en la dirección adecuada, y de avanzar nuevas hipótesis que nos lleven a examinar nuevos ámbitos hasta ahora inexplorados (D’Ors, 2007, p. 142).

O frade português Petrus Alfonsi Hispanus O.P.

Segundo Meirinhos, a procura do verdadeiro autor do *Tractatus* exige uma mudança no paradigma que tem sido adotado até o momento, que prioriza biografias, em geral conjecturadas²⁶. De acordo com a proposta metodológica que sugere para a atribuição de obras a Pedro Hispano/João XXI, a busca de evidências

[...] conduz-nos aos textos, aos manuscritos, aos testemunhos mais antigos, ao conteúdo das obras, como sempre aconteceu e agora é imperativo nos estudos medievais. Como aqui não há documentos verdadeiramente novos que por si aduzam alterações profundas no quadro interpretativo tradicional, e porque este não nos conduziu a uma explicação satisfatória, torna-se necessário modificar a metodologia de trabalho, colocando a ênfase no *como* procurar e, antes disso, na exata identificação de *o que é que se procura* (Meirinhos, 2002, p. 16).

No caso específico do *Tractatus*, «o que se procura» é um autor cuja biografia seja compatível com o conteúdo da obra e com as informações extraídas dos manuscritos

²⁶ Cf. Meirinhos (2002, p. 17).

mais antigos. Segundo os mesmos, este manual provavelmente foi redigido no Norte da Espanha ou Sul da França – aí se encontram os seus primeiros comentários; suas fontes, estilos e doutrinas remetem para aqueles em voga no ambiente intelectual de Paris anterior a 1245²⁷. Assim sendo, o «como se procura» parte do texto da obra e «dos testemunhos transmitidos pela tradição para, apenas a partir deles, averiguar ao seu autor»²⁸.

Esta metodologia, aplicada aos documentos existentes – conforme sugere D’Ors – revela uma direção ainda inexplorada para as futuras investigações: a possibilidade de identificação do autor do *Tractatus* com o frade dominicano português *Petrus Alfonsi Hispanus*, que esteve presente entre os proeminentes portugueses que testemunharam o juramento solene feito pelo Infante Dom Afonso de Portugal perante o rei Luís IX da França. O texto deste juramento, realizado em 6 de setembro de 1245, foi reproduzido na bula papal de Inocêncio IV que irá conduzir à deposição do rei D. Sancho II de Portugal²⁹.

Este testemunho contém um conjunto de informações que propiciam um ponto de partida sustentável para ulteriores investigações em torno ao frade português *Petrus Alfonsi Hispanus* como possível autor do *Tractatus*. Em primeiro lugar, o documento indica que vivia em França antes da celebração do juramento, em 1245. Deste ponto de vista, é o único Pedro Hispano que pode ser colocado claramente no local e no período histórico coincidentes com a redação do *Tractatus*, sendo importante notar que não há documentos que demonstrem a presença de João XXI em território francês neste período. Deste testemunho também se pode concluir que este frade português gozava de algum destaque na Ordem Dominicana; se fosse um desconhecido, não teria acudido a um juramento de um infante português na corte francesa.

Além de este frade português se enquadrar na época e no contexto cultural onde terá sido redigido o *Tractatus*, o nome *Petrus Alfonsi Hispanus* coincide com o testemunho mais antigo que atribui um nome específico ao seu autor, o catálogo de escritores da Abadia de Stams, conforme já foi mencionado. Assim, a candidatura deste frade português a possível autor da obra supera, de longe, as hipóteses levantadas por D’Ors, a começar pelo elevado grau de fiabilidade do testemunho que a sustenta. Apenas um dos candidatos, *Magister Petrus rector scholarum Burdegalis*, pode ser vinculado ao ambiente francês, neste caso, em 1238, mas nada se sabe da sua nacionalidade, já que carece do locativo Hispanus; o mesmo se pode dizer do *Magister Petrus* citado no documento de Roma – em pior situação que o primeiro, já que nem sequer se pode afirmar que era dominicano. Esta mesma dúvida paira sobre *Petrus Hispanus conversus*, como observado anteriormente. Pedro Ferrando e Fray Pedro

²⁷ De Rijk (1972, p. LXI); D’Ors (2001, p. 168).

²⁸ Meirinhos (2002, p. 22).

²⁹ Trata-se da bula papal *Grandi non immerito*, publicada no séc. XVII por Frei António Brandão, na *Crónica de D. Sancho II*, obra editada por Basto (1946, pp. 96-99).

Hispano carecem de documentação que possa estabelecer um vínculo direto de suas candidaturas com a tradição do *Tractatus*.

Não fica claro por que razão este estudioso excluiu o frade português *Petrus Alfonsi Hispanus* de seu escopo de investigação já que, em seu último trabalho, o próprio conferiu um alto grau de fiabilidade à tradição dos catálogos de escritores dominicanos que designa o autor do *Tractatus* com o mesmo nome. Mas a partir de sua lista de candidatos o que se pode concluir é que de fato fazia uso de um paradigma inadequado, que deixava em segundo plano a compatibilidade da biografia destes candidatos com as condições de autoria da obra, conforme bem observa Meirinhos, cuja citação reproduzimos anteriormente. D’Ors considerou que a probabilidade de que o frade português fosse o autor da obra era a mesma que qualquer dos vários *Petrus Alfonsis* dominicanos que ele presumia existirem na primeira metade do século XIII³⁰, não tomando em consideração o fato de esta personalidade – claramente identificada por um documento de alta fiabilidade – ser a que mais se ajustava às condições de autoria do *Tractatus* em comparação com quaisquer outros Pedros Hispanus, como já observamos.

No entanto, também se pode concluir, a partir do argumento supracitado, uma outra razão para a exclusão do frade português da lista de candidatos apresentada: um certo preconceito contra esta personagem, cuja existência foi utilizada por De Rijk em sua estratégia argumentativa de defesa da autoria papal. Para este autor, a atribuição da autoria do *Tractatus* a um *Petrus Alfonsi Hispanus* no catálogo de Stams é equivocada, e decorreria de uma confusão entre dois proeminentes portugueses: o frade *Petrus Alfonsi Hispanus* e o papa João XXI – *Petrus (Juliani) Hispanus*³¹.

É notável a importância dada por De Rijk a esse testemunho tão antigo, ao ponto de ter de conjecturar uma explicação para a sua existência que não interferisse em sua tese da autoria papal. Como mencionamos, já que o mesmo mudou de opinião após a leitura dos trabalhos de D’Ors, é de supor que este conhecido investigador poderia também inverter a hipótese da confusão em sentido contrário, ou seja, de que fosse o frade português *Petrus Alfonsi Hispanus*, e não o papa, o verdadeiro autor do *Tractatus*.

A ênfase na obra e seus testemunhos antigos como fio condutor da procura do seu autor, também impõe uma releitura de pelo menos um dos testemunhos que o atribui a João XXI, que é justamente o primeiro deles, a *Explanatio* de Trutvetter. Isto porque o título desta obra chama a Pedro Hispano «*Petri Burdegalensis, quem Hispanum dicunt*»³², sendo o único documento que vincula esta personalidade à cidade de Bourdeaux, portanto, sul da França. Esta denominação chama ainda mais a atenção se cotejada com a parte na qual Trutvetter atribui este manual a João XXI: «[...] Sumule Petri Hispani. Petrus Hispanus, ut arbitror natione portugallensis, ulixbonensis patria,

³⁰ D’Ors (2007, p. 172).

³¹ De Rijk (1972, p. XXIII).

³² Ver nota 4.

ex tusculano episcopo tandem Summus Pontifex [...]»³³. Segundo observou D’Ors, a expressão «ut arbitrator» (que poderia ser entendida como «acho que») apresenta um caráter «incerto e hipotético»³⁴. Esta incerteza leva a considerar se haveria na(s) fonte(s) utilizada(s) por Trutvetter alguma informação duvidosa sobre a nacionalidade portuguesa de «Petri Burdegalensis» que o levou a associá-lo ao papa; ou se se trata de uma dúvida que ele expressa como ressalva à sua decisão de atribuir o *Tractatus* a João XXI, utilizando, para descrevê-lo, os dados contidos nas crônicas de João Tritêmio e Platina³⁵.

Em todo o caso, a denominação *Petri Burdegalensis* no título da edição da obra, conforme referimos anteriormente, reclama para si uma investigação mais aprofundada, pois evidencia a existência de algum tipo de testemunho sobre a autoria do *Tractatus* ou sobre a identidade de seu autor diferente dos encontrados até hoje. Por outro lado, como Trutvetter era professor de uma universidade na Alemanha, é possível formular a possibilidade de uma convergência, mais ao norte da Europa, desta singular fonte com aquela tradição, também singular – que atribui a obra a algum frade dominicano chamado *Petrus Alfonsi Hispanus* – iniciada pelo catálogo de escritores dominicanos da abadia de Stams (séc. XIII) – Áustria – e finalizada pela primeira edição impressa do *Tractatus* de 1474, na Holanda (portanto, poucas décadas antes da *Explanatio*).

A singularidade destes testemunhos e sua coexistência numa mesma região geográfica chama a atenção e talvez possa explicar a ambiguidade de Trutvetter diante da nacionalidade portuguesa do autor do *Tractatus*, se se leva em consideração uma possível identificação de *Petri Burdegalensis* com o frade português *Petrus Alfonsi Hispanus*, que assistiu ao juramento de Afonso III em Paris em 1245. Independente do caráter especulativo das observações anteriores, tanto as fontes da *Explanatio* – obra relativamente pouco investigada, dado que sua inclusão na bibliografia de Iodocus Trutvetter data de 1979³⁶ – como a denominação *Petri Burdegalensis* merecem ser alvo de futuras investigações em torno da identidade do autor do *Tractatus*³⁷.

³³ Ver nota 4.

³⁴ D’Ors (2001, pp. 285-286).

³⁵ D’Ors (2001, p. 286).

³⁶ Cf. Velásquez (1991, pp. 206 -207). Segundo a autora, foi Ferreira (1952) quem, pela primeira vez, chamou a atenção sobre a existência desta obra na Biblioteca do Vaticano.

³⁷ Cabe salientar, conforme mencionado anteriormente neste artigo, que D’Ors (2001, p. 288) encontrou dois testemunhos que davam notícia da existência de um *Magister Petri* que era *rector scholarum* na cidade de Bourdeaux em 1238, escritos por importantes cronistas dominicanos: «...tanto Gerardo de Frachet, en su *Vitae Fratrum*, como, en dependencia de éste, Bernardo Guy, en su historia de los Piores Provinciales de la Provincia de Tolosa, nos hablan de un *Magister Petrus* que, hacia 1238, *erat rector scholarum Burdegalis*». Essas menções tendem a confirmar a existência de um dominicano erudito de nome *Petrus Burdegalensis* no âmbito da Ordem Dominicana, ainda que o mesmo não possa ser identificado com o frade português que nos ocupa.

Conclusão

Ainda que não se possa afirmar, a partir do texto da *Divina Comédia*, que Pedro Hispano, autor dos «doze livros» do *Tractatus*, seja um frade dominicano, fica claro que tanto o poema como os testemunhos dos comentaristas contemporâneos de Dante têm um inequívoco valor histórico, quer qualitativa como quantitativamente, na defesa da autoria dominicana. Pela sua antiguidade, tanto o poema como seus comentários, por si mesmos, são suficientes para colocar em dúvida a identificação de Pedro Hispano com João XXI, uma vez que tanto Dante como seus comentaristas eram letrados e bem informados, nenhum deles identificando a personagem com o papa, e pelo menos um diz tratar-se de um frade dominicano.

Esta revalorização da tradição crítica da *Commedia* como documentação histórica, por si só, torna ainda mais estimulante a tarefa de revisão da identidade de Pedro Hispano no poema, porque contribui para a solução do quebra-cabeças histórico da autoria do *Tractatus*, ao lançar dúvidas fundamentadas sobre a autoria papal. Tendo em consideração que nenhum deles identifica Pedro Hispano com o papa João XXI – posição única e de destaque internacional, que não teria passado despercebida por estes comentaristas – e que nem o faz o poema de Dante, concluído em 1321, é conveniente dar prioridade aos testemunhos ainda mais antigos nas investigações sobre a verdadeira autoria do *Tractatus*. Isso nos conduz imediatamente ao catálogo de Stams, cuja data estimada é de 1311, e que atribui a autoria da obra a *Petrus Alfonsi Hispanus*, nome que coincide com o do proeminente frade dominicano português que esteve presente no juramento de Afonso III frente ao rei Luís IX da França em 1245. A fiabilidade das informações deste testemunho – cujo texto está inserto na bula papal de Inocêncio IV – permite colocar esta personagem no local e data estimados para a autoria do *Tractatus*, enquanto a documentação existente sobre outros Pedros Hispanus vivos e atuantes no século XIII – incluindo o próprio papa João XXI – não permite estabelecer quaisquer vínculos entre suas biografias e a obra. Antes do catálogo de Stams, só se encontram atribuições inquestionáveis a *Magister Petrus Hispanus O.P.* ou simplesmente a *Magister Petrus Hispanus*, que não exclui a pertença do autor à Ordem Dominicana.

A identificação do dominicano Petrus Alfonsi Hispanus com o autor do *Tractatus* mencionado por Dante necessita ainda de ulterior fundamentação, para que a candidatura desta personalidade ao privilegiado lugar de destaque no Paraíso de Dante se venha a tornar mais sólida. Em todo o caso, cabe pôr em relevo que a tese da autoria dominicana dos «doze livrinhos» se mostra mais de acordo com postura dantiana anti-Papado, tanto na sua obra literária como na filosófica, e a retoma desta questão não deixa de fazer jus à memória do poeta em vésperas do aniversário de 700 anos do seu poema canónico.

Bibliografia:

Alighieri, Dante, *La Divina Commedia*. Disponível em:

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/ladivinacommedia.pdf> [consultado a 13/01/2020].

Auer, P. O. S. B (1933), *Ein neuaufgefundener Katalog der Dominikanerschriftsteller*, Institutum historicum FF. Praedicatorum Romae, ad S. Sabinae, Dissertationes historicae, fasc. II, Paris.

Basto, Artur Magalhães (ed., 1946), Fr. António Brandão, *Crónicas de D. Sancho II e D. Afonso III*, Porto, Livraria Civilização.

Dartmouth Dante Project. Disponível em:

https://dante.dartmouth.edu/search_view.php?cmd=gotopage&arg1=1

[consultado a 13/01/2020].

Denifle, Heinrich (1886), «Quellen zur Gelehrten-geschichte des Predigerordens im 13. und 14. Jahrhundert», *Archiv für Literatur- und Kirchengeschichte des Mittelalters* II.

De Rijk, Lambertus Marie (ed., 1972), *Peter of Spain Tractatus – called afterwards Summule Logicales. First critical edition from the manuscript*, Assen, Van Gorcum.

D’Ors, Angel (2001), «Petrus Hispanus O. P. Auctor Summularum (I)», in *Dicenda – Cuadernos de Filologia Hispánica*, 19, pp. 243-291.

D’Ors, Angel (2007), «Petrus Hispanus O.P. Auctor Summularum II. Nuevos documentos y problemas», *Dicenda – Cuadernos de Filologia Hispánica*, 25, pp. 139-180.

D’Ors, Angel (2015), «Petrus Hispanus Auctor Summularum (III). Petrus Alfonsi o Petrus Ferrandi?», *Dicenda – Cuadernos de Filologia Hispánica*, 33, pp. 35-89.

Hollander, R. (2000-2007). Disponível em *Dartmouth Dante’s Project*:

https://dante.dartmouth.edu/search_view.php?doc=200051070460&cmd=gotoresult&arg1=0, [consultado a 13/01/2020].

Meirinhos, José (2002), *Pedro Hispano – Século XIII (Vol. II) ... et multa scripsit*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Disponível em:

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55829/2/Meirinhostesevol22002000127137.pdf>

[consultado a 13/01/2020].

Meirinhos, José (2005-2006, 2011), *Petrus Hispanus, saec XIII*. Disponível em

https://ifilosofia.up.pt/proj/ph/quem_foi [consultado a 13/01/2020].

Meirinhos, José (2009a), «Avatares da antiga atribuição de obras a Pedro Hispano / João XXI – II – Os séculos XV – XIX», *Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição*, 23, pp. 455-510.

Meirinhos, José (2009b), «Avatares da antiga atribuição de obras a Pedro Hispano / João XXI – II – Os séculos XV – XIX», *Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição*, ano XII, 24, pp. 437-501.

- Meerseman, G. O.P. (1936), *Laurentii Pignon Catalogi et Chronica. Accedunt catalogi Stamsensis et Upsalensis Scriptorum O. P.*, MOPH , XVIII, Roma, VI.
- Pontes, J. M Cruz (1977), «À propos d'un centenaire. Une nouvelle monographie sur Petrus Hispanus Portugalensis, le pape Jean XXI († 1277) est-elle nécessaire?», *Recherches de Théologie Ancienne et Médiévale*, 44, pp. 220-230.
- Quétif, J. O.P. e Echard, J. O.P. (1719), *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, Vol. I. Paris.
- Tugwell, Simon O.P. (1999), «Petrus Hispanus: Comments on Some Proposed Modifications», *Vivarium*, 37, 2, pp. 103-113.
- Tugwell, Simon O.P. (2006), «Auctor Summularum, Petrus Hispanus OP Stellensis?», *Archivum Fratrum Praedicatorum*, LXXVI, pp. 103-115.
- Tugwell, Simon O.P. (2007), «Petrus Ferrandi and his legenda of St. Dominic», *Archivum Fratrum Praedicatorum*, LXXVII, pp. 19-100.
- Trutvetter, Iodocus, *Explanatio in nonnulla Petri Burdegalensis, quem Hispanum dicunt, volumina, adeo brevis et commoda, una cum interrogationum ex iis elicibilium, et sophismatum Alberthi Saxonis expeditione, ad que cum primis valet Opus Maius Isenachcense* (Incunable, Vaticano IV, 644). Disponível em <https://books.google.es/books?id=Nz2gBHwEuc4C> [consultado a 13/01/2020]
- Velásquez, L. (1991), «Nota sobre una *Explanatio* de Iodocus Trutvetter», *Bulletin de Philosophie Médiévale*, 33, pp. 206-214.